

METODOLOGIAS ATIVAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA: MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA (2022-2026)

ACTIVE METHODOLOGIES IN THE CONTEXT OF BASIC EDUCATION: MAPPING OF BRAZILIAN SCIENTIFIC PRODUCTION (2022-2026)

METODOLOGÍAS ACTIVAS EN EL CONTEXTO DE LA EDUCACIÓN BÁSICA: MAPEO DE LA PRODUCCIÓN CIENTÍFICA BRASILEÑA (2022-2026)

Jefferson Ribeiro Dias¹
Ícaro Jael Mendonça Moura²
Daiane Fabrício dos Santos³
André Pinheiro da Silva Zacarias⁴
Michele Lopes Soares⁵
Patrícia Matias Sena de Carvalho⁶
José Teixeira Neto⁷
Rebeca Garcia Noronha Gonçalves⁸
Antonia Ferlândia Sousa Diniz⁹
Antonio Deison da Silva Mendonça¹⁰
Maria Katiely Lima Nascimento¹¹
Maria Rita Penachini¹²
Thompson Gonçalves da Justa Neto¹³
Francisco Cleuton de Araújo¹⁴

1

RESUMO: As metodologias ativas representam um conjunto de abordagens pedagógicas que reposicionam o estudante como protagonista de sua aprendizagem, rompendo com o modelo tradicional de ensino centrado na transmissão de conhecimento (Cunha et al., 2024). No contexto da Educação Básica brasileira, impulsionadas por diretrizes como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), essas práticas ganham crescente relevância como estratégia para tornar o ensino mais significativo e desenvolver habilidades essenciais para a contemporaneidade. Apesar da popularidade do tema, observa-se uma carência de estudos que sistematizem e mapeiem a produção científica nacional sobre a aplicação das Metodologias Ativas nesse nível de ensino. Este artigo tem como objetivo mapear a produção

¹ Especialista em Educação Global, Desenvolvimento Humano e Gestão da Inovação - Faculdades de Educação, Gestão e Saúde (UNIFUTURO).

² Mestre em Ciências Físicas Aplicadas - Universidade Estadual do Ceará (UECE).

³ Mestranda em Engenharia de Telecomunicações - Instituto Federal do Ceará (IFCE).

⁴ Mestre em Matemática (PROFMAT) - Universidade Federal do Ceará (UFC).

⁵ Especialista em Alfabetização e Letramento - Instituto Federal de Goiás (IFG).

⁶ Doutoranda em Biotecnologia (RENORBIO) - Universidade Federal do Ceará (UFC).

⁷ Doutorando em Ciências da Educação - Universidad del Sol (UNADES).

⁸ Bacharela em Letras - Português e Inglês - Universidade Braz Cubas.

⁹ Graduada em Pedagogia - Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

¹⁰ Mestre em Ensino de Biologia (PROFBIO) - Universidade Estadual do Ceará (UECE).

¹¹ Especialista em Alfabetização e Letramento - Faculdade de Educação São Luís.

¹² Mestranda em Educação - Fundação Universitária Iberoamericana (FUNIBER).

¹³ Mestrando em Literatura Comparada - Universidade Federal do Ceará (UFC).

¹⁴ Doutorando em Ensino de Ciências e Matemática - Universidade Federal do Ceará (UFC).

científica brasileira sobre Metodologias Ativas na Educação Básica no período de 2022 a 2026. Trata-se de uma pesquisa de revisão de literatura, de abordagem qualitativa, que utilizará procedimentos de levantamento e análise de artigos científicos indexados em bases acadêmicas. Os resultados indicam um crescimento exponencial de publicações sobre Metodologias Ativas na Educação Básica entre 2022 e 2026. Predominam abordagens como Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL), a Gamificação e a Sala de Aula Invertida. Contudo, identificam-se lacunas, como a escassez de pesquisas envolvendo o Ensino Médio noturno, bem como a carência de estudos longitudinais que avaliem impactos efetivos na aprendizagem. Nesse cenário, a formação docente insuficiente e a infraestrutura escolar precária surgem como barreiras críticas recorrentes. Conclui-se que, embora as Metodologias Ativas estejam consolidadas no discurso acadêmico, sua implementação prática ainda enfrenta obstáculos estruturais e curriculares.

Palavras-chave: Metodologias Ativas. Educação Básica. Ensino-Aprendizagem. Protagonismo Estudantil.

ABSTRACT: Active methodologies represent a set of pedagogical approaches that reposition the student as the protagonist of their learning, breaking with the traditional teaching model centered on knowledge transmission (Cunha et al., 2024). In the context of Brazilian Basic Education, driven by guidelines such as the National Common Curricular Base (BNCC), these practices gain increasing relevance as a strategy to make teaching more meaningful and to develop essential skills for contemporary society. Despite the popularity of the topic, there is a lack of studies that systematize and map the national scientific production on the application of Active Methodologies at this educational level. This article aims to map the Brazilian scientific production on Active Methodologies in Basic Education from 2022 to 2026. This is a literature review research, with a qualitative approach, which used procedures for surveying and analyzing scientific articles indexed in academic databases. The results indicate an exponential growth in publications on Active Methodologies in Basic Education between 2022 and 2026. Predominant approaches include Problem-Based Learning (PBL), Gamification, and the Flipped Classroom. However, gaps are identified, such as the scarcity of research involving evening high school, as well as the lack of longitudinal studies that assess effective impacts on learning. In this scenario, insufficient teacher training and precarious school infrastructure emerge as recurring critical barriers. It is concluded that, although Active Methodologies are consolidated in academic discourse, their practical implementation still faces structural and curricular obstacles.

2

Keywords: Active Methodologies. Basic Education. Teaching-Learning. Student Protagonism.

1 INTRODUÇÃO

As transformações sociais, culturais e tecnológicas ocorridas nas últimas décadas têm provocado mudanças significativas nas demandas educacionais contemporâneas, exigindo da escola o desenvolvimento de competências que ultrapassem a mera transmissão de conteúdos. Nesse contexto, a Educação Básica é desafiada a promover processos formativos capazes de estimular a autonomia, o pensamento crítico, a criatividade, a colaboração e a resolução de problemas, competências consideradas essenciais para a formação integral dos estudantes no século XXI (Moran, 2018; Bacich; Moran, 2018). Em consonância com essas demandas, as Metodologias Ativas emergem como alternativas pedagógicas que buscam reposicionar o

estudante no centro do processo de ensino e aprendizagem, atribuindo-lhe papel protagonista na construção do conhecimento.

A crescente valorização dessas abordagens tem impulsionado o aumento da produção científica nacional voltada à investigação de suas potencialidades, desafios e impactos nos processos educativos. Estudos recentes evidenciam que as Metodologias Ativas podem favorecer o engajamento dos estudantes, ampliar a participação nas atividades escolares e contribuir para aprendizagens mais significativas (Souza; Ribeiro, 2024). Contudo, apesar da expansão das pesquisas sobre o tema, observa-se uma dispersão significativa das produções acadêmicas, dificultando a compreensão do panorama atual das investigações desenvolvidas no contexto da Educação Básica brasileira.

Diante desse cenário, emerge a seguinte problemática: como se configura a produção científica brasileira sobre Metodologias Ativas na Educação Básica no período de 2022 a 2026? Quais tendências, enfoques investigativos e lacunas podem ser identificados nesse conjunto de publicações? A relevância dessa discussão reside na necessidade de sistematizar conhecimentos produzidos recentemente, oferecendo subsídios para pesquisadores, gestores e professores interessados na implementação e no aprimoramento dessas abordagens pedagógicas.

Assim, este artigo tem como objetivo mapear a produção científica brasileira sobre Metodologias Ativas na Educação Básica no período de janeiro 2022 a julho 2026, identificando tendências temáticas, abordagens metodológicas, contribuições e lacunas presentes na literatura. Para alcançar esse objetivo, realizou-se uma revisão de literatura de abordagem qualitativa, baseada no levantamento, seleção e análise de artigos científicos publicados em bases de dados acadêmicas nacionais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Embora o termo Metodologias Ativas seja recente no debate educacional brasileiro, seus fundamentos dialogam com concepções pedagógicas que compreendem a aprendizagem como processo dinâmico, experiencial e socialmente situado. Dewey (2023) já defendia a centralidade da experiência, ao passo que, no contexto brasileiro, Berbel (2011) as compreende como possibilidades pedagógicas que estimulam processos nos quais o estudante assume maior responsabilidade pela construção do conhecimento, favorecendo a autonomia discente por meio de problemas que exigem reflexão e tomada de decisão.

Moran (2018) amplia essa compreensão ao defender que as metodologias ativas colocam o estudante no centro do processo, valorizando sua participação efetiva, sem retirar o professor, mas exigindo uma atuação docente intencional, planejada e mediadora. Cunha et al. (2024) reforçam que tais metodologias são alternativas pedagógicas orientadas à formação crítica, cujo elemento recorrente é o deslocamento do estudante para uma posição central, sendo necessário que haja coerência entre objetivos, atividades, mediação, participação e avaliação.

A autonomia, nessa perspectiva, não se confunde com independência absoluta, mas constitui-se mediante experiências nas quais o sujeito aprende progressivamente a tomar decisões e responsabilizar-se por seu processo formativo (Berbel, 2011). As Metodologias Ativas não constituem uma metodologia única e homogênea, mas um campo composto por diferentes estratégias, entre as quais se destacam a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL), a Aprendizagem Baseada em Projetos, a Sala de Aula Invertida, a Gamificação, a Aprendizagem Baseada em Equipes e diferentes modalidades de aprendizagem colaborativa e ensino híbrido.

A Aprendizagem Baseada em Problemas organiza o processo educativo a partir de situações-problema que mobilizam os estudantes na busca de explicações e soluções, articulando conhecimentos conceituais, procedimentos e atitudes (Lopes et al., 2019). A Aprendizagem Baseada em Projetos, por sua vez, organiza a aprendizagem em torno da investigação e da produção de respostas a questões significativas, favorecendo a integração entre áreas do conhecimento e a aproximação entre escola e realidade social (Masson et al., 2012).

A Sala de Aula Invertida consolida-se como estratégia na qual parte do contato inicial com os conteúdos ocorre antes do encontro presencial, enquanto o tempo de aula é destinado a discussões e aprofundamento conceitual, dependendo sua efetividade da articulação entre preparação individual, interação em sala, acompanhamento docente e atividades cognitivamente desafiadoras (Valente, 2014). A Gamificação, ao incorporar elementos de jogos como desafios e feedback, busca ampliar o envolvimento dos estudantes, mas seu potencial pedagógico está relacionado à criação de situações nas quais possam enfrentar desafios e receber feedback sobre seus processos (Japiassu; Rached, 2020).

O ensino híbrido e as tecnologias digitais ampliam as possibilidades de implementação dessas abordagens, pois a combinação entre diferentes espaços, tempos e recursos pode favorecer experiências mais personalizadas e participativas, funcionando as tecnologias como recursos mediadores (Bacich; Moran, 2018). No Brasil, a discussão sobre Metodologias Ativas também

deve ser compreendida à luz das políticas curriculares contemporâneas, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996) e a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), que organizam a Educação Básica em torno de competências e habilidades que envolvem dimensões cognitivas, sociais, culturais e tecnológicas.

Moran (2018) argumenta que práticas pedagógicas mais ativas exigem do professor capacidade de organizar experiências desafiadoras que promovam investigação e reflexão, planejando não apenas o conteúdo, mas as situações que permitirão aos estudantes mobilizá-lo e reconstruí-lo. A formação docente continuada, portanto, constitui elemento fundamental para que as Metodologias Ativas não sejam incorporadas de maneira superficial, sendo necessário que o professor compreenda seus fundamentos epistemológicos e pedagógicos, identifique possibilidades e limitações e adapte as estratégias às características dos estudantes e do contexto escolar.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A presente investigação caracteriza-se como pesquisa de natureza básica, de abordagem qualitativa, com objetivo exploratório e descritivo, desenvolvida mediante pesquisa bibliográfica do tipo revisão de literatura, com a finalidade de mapear a produção científica brasileira acerca das Metodologias Ativas no contexto da Educação Básica, no período de 2022 a 2026. A escolha desse delineamento decorre da necessidade de identificar, sistematizar e interpretar tendências da produção acadêmica recente, considerando autores, anos de publicação, níveis de ensino, metodologias ativas investigadas, enfoques metodológicos, principais resultados, desafios e lacunas de pesquisa.

A pesquisa bibliográfica constitui procedimento metodológico fundamental para a produção do conhecimento científico, pois possibilita ao pesquisador aproximar-se criticamente de estudos já produzidos sobre determinado objeto. Conforme Lima e Miotto (2007), a pesquisa bibliográfica não se limita à reunião de referências, mas envolve processo sistemático de aproximações sucessivas, leitura, análise, questionamento e interlocução crítica com o material selecionado. A opção por uma abordagem qualitativa justifica-se porque o interesse central não reside somente na quantificação dos trabalhos localizados, mas na compreensão de seus conteúdos, características e tendências, conforme Minayo (2014), para quem a pesquisa

qualitativa possibilita compreender significados, relações, valores e processos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis quantitativas.

Quanto aos objetivos, a investigação apresenta caráter exploratório, por buscar ampliar a compreensão sobre um campo de produção científica em expansão, e descritivo, por sistematizar características dos estudos encontrados. Gil (2019) destaca que pesquisas exploratórias possibilitam maior familiaridade com determinado problema, enquanto as descritivas procuram caracterizar fenômenos e estabelecer relações entre seus elementos.

O levantamento bibliográfico foi realizado no Portal de Periódicos da CAPES e no Google Acadêmico, selecionados em razão de sua relevância para a localização de produção científica nacional. A busca foi delimitada ao período de 2022 a 2026, empregando-se descritores e combinações como: "metodologias ativas", "metodologias ativas" AND "Educação Básica", "metodologias ativas" AND "ensino fundamental", "metodologias ativas" AND "ensino médio", "metodologias ativas" AND "educação infantil", "metodologias ativas" AND "aprendizagem" e "metodologias ativas" AND "protagonismo estudantil".

Foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão previamente definidos. Foram incluídos: a) artigos científicos publicados entre 2022 e 2026; b) estudos relacionados ao contexto brasileiro; c) pesquisas que abordassem explicitamente Metodologias Ativas como objeto central ou elemento relevante; d) estudos relacionados à Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio); e) trabalhos disponíveis em texto completo; e f) publicações com informações suficientes sobre objetivo, percurso metodológico e resultados. Foram excluídos: a) trabalhos publicados antes de 2022; b) estudos realizados exclusivamente no Ensino Superior; c) artigos cujo tema central não estivesse relacionado às Metodologias Ativas; d) duplicidades; e) trabalhos sem acesso ao texto completo; f) resumos, notícias, resenhas e materiais sem caráter de artigo científico; e g) estudos que mencionassem Metodologias Ativas apenas de maneira incidental.

A definição desses critérios confere transparência ao processo de seleção, evitando que a composição do corpus seja determinada exclusivamente pela disponibilidade dos resultados. Em estudos de revisão, a explicitação das etapas é fundamental para conferir rigor ao percurso metodológico, conforme Teixeira et al. (2014), que ressaltam a importância de etapas constitutivas para identificar tendências e evidências na produção científica.

O processo de seleção foi organizado em etapas sucessivas: identificação, triagem, elegibilidade e inclusão. Inicialmente, realizaram-se as buscas nas duas bases, registrando-se os resultados em planilha com informações como título, autoria, ano, periódico, base de origem e endereço eletrônico. Na triagem, procedeu-se à leitura dos títulos e resumos, encaminhando-se os estudos aderentes para a etapa de elegibilidade, com leitura do texto completo, quando foram excluídos os que não atendiam integralmente aos critérios.

Inicialmente, a busca nas bases do Portal de Periódicos CAPES e do Google Acadêmico, utilizando os descritores previamente definidos, recuperou um total de 187 trabalhos potenciais. Após a remoção de duplicidades ($n = 42$), procedeu-se à triagem por meio da leitura de títulos e resumos, que resultou na exclusão de 112 estudos por não atenderem aos critérios de inclusão, restando 33 artigos para a etapa de elegibilidade. Na leitura integral desses trabalhos, foram excluídos 19 por não abordarem as Metodologias Ativas como objeto central, por se restringirem ao Ensino Superior sem relação com a Educação Básica, ou por não apresentarem informações metodológicas suficientes. Ao final, constituiu-se o corpus analítico com 14 artigos científicos.

Após a constituição do corpus, os artigos foram submetidos a leitura analítica e interpretativa, com etapas de leitura exploratória, seletiva e interpretativa, conforme orientam Lima e Miotto (2007). Para a análise do conteúdo, adotou-se a análise de conteúdo de Bardin (2016), estruturada em três momentos: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Na pré-análise, organizou-se o corpus e definiram-se as unidades de registro. Na fase de exploração, identificaram-se elementos recorrentes relacionados às metodologias, níveis de ensino, objetivos, resultados, desafios e lacunas. Finalmente, na etapa de tratamento e interpretação, os resultados foram agrupados em categorias temáticas e analisados à luz do referencial teórico.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

O Quadro 1 apresenta a identificação dos 14 artigos selecionados após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão.

Quadro 1 – Identificação dos estudos selecionados.

ID	Título	Autores	Periódico	Ano
E1	Metodologias ativas na Educação Básica: construindo saberes com autonomia e protagonismo estudantil	Pinto	Ensino em Perspectivas	2025
E2	Práticas pedagógicas inovadoras: a interdisciplinaridade por meio das metodologias ativas na educação básica	Macao	Revista Tópicos	2026
E3	O uso das metodologias ativas na Educação Básica: desafios e possibilidades para uma aprendizagem significativa	Silva et al.	Revista Tópicos	2026
E4	Metodologias ativas: caminhos para uma aprendizagem includente na educação básica	Almeida et al.	Revista Tópicos	2026
E5	Metodologias ativas mediadas por tecnologias digitais: perspectivas para a aprendizagem significativa na educação básica	Guedes et al.	Revista Tópicos	2026
E6	O uso de metodologias ativas no ensino e na aprendizagem de estudantes com necessidades educacionais especiais na educação básica no Ceará	Lopes et al.	Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação	2026
E7	Liderança pedagógica e metodologias ativas no ensino público: reflexos no protagonismo estudantil e na inovação da prática docente	Romão; Gois	Revista Tópicos	2026
E8	Aplicações de metodologias ativas no ensino especial para a promoção da autonomia e da inclusão escolar	Pimentel et al.	Revista de Geopolítica	2025
E9	Metodologias ativas na Educação de Jovens e Adultos: estratégias para promover aprendizagem significativa	Fausto et al.	Revista Tópicos	2026

E10	Metodologias ativas no ensino híbrido: desafios e perspectivas para a formação de competências na etapa final da educação básica	Cipriani et al.	Missioneira	2024
E11	Metodologias ativas na Educação Básica: influência na aprendizagem significativa	Mota	Revista Multidisciplinar Filos	2025
E12	Metodologias ativas no ensino básico: uma revisão abrangente sobre impactos na aprendizagem significativa e desafios de implementação	Mendonça et al.	Revista Multidisciplinar Integrada-REMI	2026
E13	Metodologias ativas e Cultura Maker na educação: explorando tendências e lacunas	Izeplilovski; Guedes; Leão	Cadernos de Educação Tecnologia e Sociedade	2025
E14	Educação Ambiental Crítica para o Desenvolvimento Sustentável na Educação Básica	Cruz; Silva; Pinto	Revista Científica FESA	2026

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

A sistematização do corpus documental, composto por artigos científicos selecionados conforme critérios metodológicos estabelecidos, permitiu identificar tendências recorrentes, desafios estruturais e perspectivas inovadoras que atravessam as discussões contemporâneas sobre o tema.

Os estudos analisados evidenciam a recorrência de determinadas abordagens metodológicas, destacando-se a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL), a Sala de Aula Invertida, a Gamificação, a Aprendizagem Baseada em Projetos e o Ensino Híbrido como as estratégias mais frequentemente investigadas. Essa prevalência converge com o que a literatura especializada, representada por Moran (2018), Bacich e Moran (2018) e Berbel (2011), já apontava como tendências consolidadas no debate educacional. Contudo, a análise dos artigos revela que tais metodologias não são abordadas de maneira isolada, mas frequentemente articuladas entre si ou integradas a outras perspectivas, como a Cultura Maker, a Educação Ambiental Crítica e as tecnologias digitais emergentes.

O estudo de Izeplilovski, Guedes e Leão (2025), por exemplo, evidencia a integração entre metodologias ativas e a Cultura Maker, demonstrando que essa combinação potencializa o desenvolvimento de habilidades práticas, criativas e colaborativas, especialmente quando associada a projetos interdisciplinares. Da mesma forma, a pesquisa de Cipriani et al. (2024) analisa a associação entre metodologias ativas e ensino híbrido, destacando que o uso intencional de tecnologias digitais amplia a autonomia discente e favorece a contextualização dos conteúdos, embora a implementação dependa de condições estruturais adequadas.

Outro resultado relevante diz respeito à ampliação do espectro temático das metodologias ativas para além das estratégias tradicionais. Estudos como o de Cruz, Silva e Pinto (2026) demonstram a articulação entre metodologias ativas e Educação Ambiental Crítica, propondo que práticas investigativas e baseadas em problemas podem fortalecer o protagonismo estudantil e a formação cidadã voltada à sustentabilidade. Essa convergência indica que o campo das metodologias ativas está se expandindo para diálogos com outras áreas do conhecimento, o que pode enriquecer tanto o debate teórico quanto as práticas pedagógicas.

No entanto, observa-se que a Gamificação, embora frequente, é tratada em muitos estudos de maneira superficial, limitando-se à atribuição de pontos e recompensas, sem aprofundar seus fundamentos pedagógicos. Esse achado corrobora a crítica de Japiassu e Rached (2020), que alertam para o risco de redução da gamificação a um conjunto de técnicas lúdicas desprovidas de intencionalidade formativa. A análise sugere, portanto, a necessidade de estudos que investiguem a gamificação como estratégia pedagógica complexa, articulada a objetivos educacionais explícitos.

A distribuição das pesquisas pelos diferentes níveis e modalidades da Educação Básica revela concentrações e lacunas significativas. O Ensino Fundamental, especialmente os anos finais, e o Ensino Médio são os segmentos mais frequentemente abordados, com destaque para investigações que articulam metodologias ativas ao desenvolvimento de competências previstas na BNCC (Mota, 2025; Pinto, 2025). Essa ênfase pode ser atribuída à maior flexibilidade curricular e à possibilidade de implementação de projetos interdisciplinares nesses níveis de ensino.

Contudo, a Educação Infantil e os primeiros anos do Ensino Fundamental aparecem de forma incipiente na produção científica analisada, sugerindo uma lacuna que merece atenção, dado que a educação infantil constitui etapa fundamental para o desenvolvimento de

habilidades socioemocionais e cognitivas que sustentam aprendizagens futuras. A pesquisa de Almeida et al. (2026) constitui uma exceção ao abordar práticas includentes em turmas de 4º e 5º anos, mas ainda assim o número de estudos dedicados a essa faixa etária é reduzido.

Outra lacuna importante refere-se à Educação de Jovens e Adultos (EJA), modalidade que, embora contemplada em estudos como o de Fausto et al. (2026), permanece sub-representada. A revisão sistemática realizada por esses autores evidencia que metodologias ativas, como resolução de problemas, projetos investigativos e estudos de caso, favorecem o protagonismo e a autonomia dos estudantes da EJA, mas a implementação esbarra em desafios como a rigidez curricular e as condições sociais dos educandos. Essa constatação reforça a necessidade de políticas públicas e pesquisas que considerem as especificidades dessa modalidade.

Os artigos analisados são unânimes em reconhecer que as metodologias ativas, quando implementadas de maneira intencional e contextualizada, favorecem a aprendizagem significativa e o protagonismo estudantil. Esse consenso alinha-se à teoria de Ausubel (2003), para quem a aprendizagem significativa ocorre quando novos conhecimentos se ancoram em saberes prévios, processo que as metodologias ativas potencializam ao colocar os estudantes diante de situações-problema, projetos investigativos e atividades colaborativas.

11

O estudo de Silva et al. (2026) destaca que as metodologias ativas contribuem para a participação ativa dos estudantes, o estímulo ao pensamento crítico e a articulação entre teoria e prática, elementos que tornam a aprendizagem mais relevante e conectada à realidade dos alunos. De maneira semelhante, Pinto (2025) argumenta que estratégias como Aprendizagem Baseada em Projetos, Sala de Aula Invertida e Ensino Híbrido valorizam a investigação, a colaboração e o uso de tecnologias digitais, promovendo o desenvolvimento de sujeitos críticos e socialmente engajados.

A pesquisa de Romão e Gois (2026) aprofunda essa discussão ao analisar o papel da liderança pedagógica na implementação de metodologias ativas. As autoras demonstram que o professor, ao atuar como mediador e organizador de experiências, potencializa o engajamento discente, a autonomia e a construção significativa do conhecimento. Esse achado reforça a centralidade da atuação docente, alinhando-se à perspectiva de Berbel (2011) de que metodologias ativas não prescindem da mediação intencional do professor, mas a requalificam.

No campo da educação inclusiva, os estudos de Lopes et al. (2026) e Pimentel et al. (2025) evidenciam que metodologias ativas, quando articuladas a tecnologias emergentes e práticas personalizadas, favorecem o protagonismo, a autonomia e a participação de estudantes com necessidades educacionais especiais. Esses resultados são particularmente relevantes, pois indicam que as metodologias ativas podem contribuir para a construção de ambientes escolares mais equitativos e responsivos à diversidade, desde que acompanhadas de formação docente específica e de condições institucionais adequadas.

Almeida et al. (2026) também reforçam essa perspectiva ao analisar práticas includentes no Ensino Fundamental, destacando que metodologias como aprendizagem baseada em projetos e aprendizagem colaborativa promovem o engajamento, a troca de saberes e o desenvolvimento da autonomia, especialmente em turmas com alunos de diferentes níveis de aprendizagem. A pesquisa conclui que as metodologias ativas, quando articuladas aos pressupostos da educação inclusiva, constituem instrumentos importantes para o fortalecimento de uma escola democrática e plural.

A formação docente é mencionada como o desafio mais premente. Diversos estudos, como os de Izeplilovski, Guedes e Leão (2025), Guedes et al. (2026) e Fausto et al. (2026), apontam que a falta de capacitação específica para o uso de metodologias ativas compromete sua implementação, levando a práticas superficiais ou a descontinuidade das inovações. Essa constatação é corroborada por Moran (2018), que enfatiza a necessidade de o professor compreender os fundamentos epistemológicos e pedagógicos das estratégias utilizadas para adaptá-las ao contexto escolar.

A infraestrutura escolar, especialmente a precariedade tecnológica, constitui outra barreira significativa. Guedes et al. (2026) e Cipriani et al. (2024) destacam que a ausência de recursos digitais, conectividade e espaços adequados limita a implementação de abordagens como Sala de Aula Invertida, Ensino Híbrido e Gamificação, especialmente em escolas públicas. Esse desafio é agravado pela disparidade regional e socioeconômica, que compromete a equidade no acesso a práticas inovadoras.

A resistência à mudança, tanto por parte de professores quanto de estudantes, também é recorrentemente mencionada. Macao (2026) analisa que a transição do modelo tradicional para práticas dinâmicas exige não apenas formação, mas também mudanças culturais e institucionais, que frequentemente encontram resistência devido à familiaridade com métodos

tradicionais e à insegurança frente a novas abordagens. A pesquisa de Romão e Gois (2026) acrescenta que a liderança pedagógica desempenha papel decisivo para superar essa resistência, desde que acompanhada de planejamento colaborativo e compromisso institucional.

A rigidez curricular e a avaliação tradicional emergem como barreiras estruturais que dificultam a incorporação de metodologias ativas. Mendonça et al. (2026) e Mota (2025) argumentam que currículos excessivamente conteudistas e sistemas de avaliação focados em memorização entram em conflito com os princípios das metodologias ativas, que valorizam processos, investigação e construção coletiva do conhecimento. Esses achados sugerem a necessidade de reformulações curriculares e avaliativas que acompanhem a adoção de práticas ativas.

De maneira geral, a produção científica analisada revela uma tendência à repetição de abordagens e contextos, com pouca diversificação em termos de regiões geográficas, modalidades de ensino e perfis de estudantes. A pesquisa de Lopes et al. (2026), que aborda o contexto cearense, constitui uma exceção, mas ainda assim há carência de estudos que considerem a diversidade cultural, social e econômica do país.

Com base na leitura analítica e interpretativa dos artigos selecionados, o Quadro 2 organiza as categorias temáticas, articulando-as ao referencial teórico.

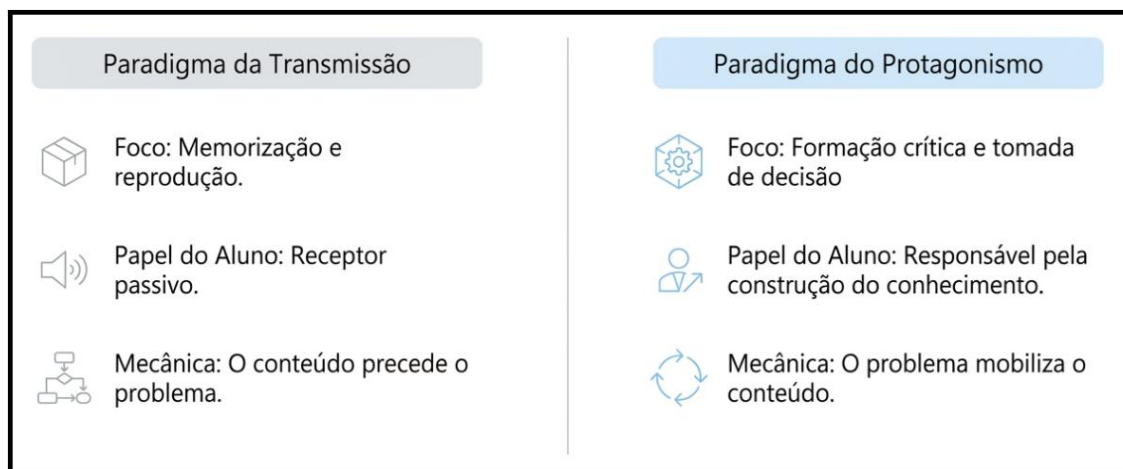
Quadro 2 – Categorias analíticas e convergência teórica.

Categorias	Convergência Teórica	ID
PBL, Sala de Invertida, Gamificação, Projetos, Ensino Híbrido, Cultura Maker	Moran (2018) – centralidade do estudante e mediação docente; Berbel (2011) – autonomia e problematização; Bacich e Moran (2018) – ensino híbrido e integração tecnológica; Japiassu e Rached (2020) – gamificação fundamentada; Masson et al. (2012) – aprendizagem baseada em projetos; Lopes et al. (2019) – fundamentos do PBL; Valente (2014) – sala de aula invertida; Izeplilovski, Guedes e Leão (2025) – integração com Cultura Maker	E1, E2, E3, E5, E10, E13
Aprendizagem significativa e protagonismo estudantil	Ausubel (2003) – ancoragem em saberes prévios; Dewey (2023) – aprendizagem experiencial; Cunha et al. (2024) – deslocamento do	E1, E3, E4, E5, E9, E11, E12

	estudante para posição central; Moran (2018) – participação ativa e reflexão; Berbel (2011) – autonomia como processo	
Interdisciplinaridade e integração curricular	Dewey (2023) – articulação entre conhecimento e experiência; Macao (2026) – rompimento do ensino fragmentado; Bacich e Moran (2018) – integração entre áreas do conhecimento; Brasil (2018) – competências da BNCC; Moran (2018) – contextualização como princípio pedagógico	E2, E3, E11, E14
Educação inclusiva e metodologias ativas	Vygotsky (teoria sociointeracionista) – mediação e zona de desenvolvimento proximal; Almeida et al. (2026) – aprendizagem includente; Lopes et al. (2026) – personalização do ensino e tecnologias assistivas; Pimentel et al. (2025) – autonomia e participação de estudantes com deficiência	E4, E6, E8
Tecnologias digitais e mediação pedagógica	Valente (2014) – sala de aula invertida e blended learning; Bacich e Moran (2018) – tecnologias como recursos mediadores; Guedes et al. (2026) – uso intencional e crítico das TDIC; Cipriani et al. (2024) – ensino híbrido e personalização; Moran (2018) – tecnologias para investigação, colaboração e comunicação	E5, E10, E13
Desafios de implementação: formação docente, infraestrutura, resistência, currículo e avaliação	Cunha et al. (2024) – coerência entre objetivos, atividades, mediação e avaliação; Moran (2018) – exigência de planejamento intencional; Berbel (2011) – autonomia como construção processual; Romão e Gois (2026) – liderança pedagógica como fator decisivo; Brasil (1996; 2018) – diretrizes curriculares e necessidade de flexibilização	E3, E5, E6, E7, E9, E10, E11, E12, E13
Lacunas e direções futuras: estudos longitudinais, EJA, Educação Infantil, Ensino Médio noturno e diversidade regional	Ausubel (2003) – necessidade de avaliação de retenção e transferência; Dewey (2023) – aprendizagem contextualizada e situada; Moran (2018) – adaptação às características dos estudantes e contextos; Cunha et al. (2024) – necessidade de aprofundamento empírico; Brasil (2018) – competências para a formação integral e equidade	E6, E9, E11, E12, E13, E14

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Figura 1 – Arquitetura do pensamento e protagonismo.



Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Assim, embora o campo das Metodologias Ativas na Educação Básica esteja consolidado no discurso acadêmico e em expansão na produção científica, sua implementação prática ainda enfrenta obstáculos estruturais, curriculares e formativos que demandam investimentos em políticas públicas, formação docente e pesquisa empírica. A superação desses desafios exige um esforço coletivo que envolva gestores, pesquisadores, professores e comunidades escolares, com vistas a construir uma educação mais participativa, significativa e equitativa.

15

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo mapear a produção científica brasileira sobre Metodologias Ativas na Educação Básica no período de 2022 a 2026, identificando tendências temáticas, abordagens metodológicas, contribuições e lacunas presentes na literatura. A revisão realizada, fundamentada na análise de 14 artigos científicos, permitiu traçar um panorama abrangente do estado atual das pesquisas no campo, evidenciando tanto os avanços alcançados quanto os desafios que persistem para a efetiva implementação dessas práticas nos contextos escolares.

Os resultados indicam que a produção científica sobre Metodologias Ativas na Educação Básica encontra-se em expressiva expansão, com predominância de abordagens como Aprendizagem Baseada em Problemas, Sala de Aula Invertida, Gamificação, Aprendizagem Baseada em Projetos e Ensino Híbrido, frequentemente articuladas a perspectivas inovadoras

como a Cultura Maker e a Educação Ambiental Crítica. Os estudos analisados são convergentes ao reconhecer que tais metodologias favorecem a aprendizagem significativa, o protagonismo estudantil, a autonomia, a colaboração e a articulação entre teoria e prática, contribuindo para uma formação mais crítica e alinhada às competências previstas na BNCC.

Contudo, a análise também revelou lacunas significativas que merecem atenção. A escassez de pesquisas envolvendo a Educação Infantil, os primeiros anos do Ensino Fundamental, a Educação de Jovens e Adultos e, especialmente, o Ensino Médio noturno indica que determinados segmentos da Educação Básica permanecem sub-representados na produção científica. Além disso, a carência de estudos longitudinais que avaliem impactos efetivos e sustentados na aprendizagem, bem como a limitada investigação sobre programas de formação continuada de professores, apontam para direções futuras de pesquisa igualmente prioritárias.

Os desafios de implementação emergem como barreiras críticas recorrentes em praticamente todos os estudos analisados. A formação docente insuficiente, a infraestrutura escolar precária, a resistência à mudança, a rigidez curricular e a avaliação tradicional constituem obstáculos estruturais que comprometem a transição do modelo tradicional para práticas mais ativas e participativas. Esses achados reforçam a necessidade de políticas públicas consistentes, investimentos em capacitação docente e reformulações curriculares e avaliativas que acompanhem a adoção dessas metodologias.

16

Embora as Metodologias Ativas estejam consolidadas no discurso acadêmico e em franca expansão na produção científica, sua implementação prática ainda enfrenta obstáculos significativos que demandam esforços coordenados entre pesquisadores, gestores, professores e comunidades escolares. A superação dessas barreiras é condição indispensável para que as potencialidades dessas abordagens se traduzam em práticas pedagógicas efetivamente transformadoras, capazes de promover uma educação mais participativa, inclusiva, significativa e comprometida com a formação integral dos estudantes.

Como limitação deste estudo, reconhece-se que a busca se restringiu a duas bases de dados acadêmicas, o que pode ter excluído trabalhos publicados em outras fontes. Sugere-se, para pesquisas futuras, a ampliação do escopo de busca, a realização de estudos empíricos que investiguem o impacto dessas metodologias em diferentes contextos e modalidades de ensino, bem como o desenvolvimento de pesquisas longitudinais que acompanhem os efeitos

sustentados das práticas ativas na aprendizagem e no desenvolvimento socioemocional dos estudantes.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David Paul. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano, 2003.

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências sociais e humanas**, v. 32, n. 1, p. 25-40, 2011.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CIPRIANI, Roberto Carlos et al. Metodologias ativas no ensino híbrido: desafios e perspectivas para a formação de competências na etapa final da educação básica. **Missioneira**, v. 26, n. 3, p. 193-202, 2024.

CRUZ, Nádia Cunha; DA SILVA, Alana Cunha; PINTO, Fábio Coelho. Educação Ambiental Crítica Para o Desenvolvimento Sustentável na Educação Básica. **Revista Científica FESA**, v. 3, n. 39, p. 53-73, 2026.

CUNHA, Marcia Borin da et al. Metodologias ativas: em busca de uma caracterização e definição. **Educação em Revista**, v. 40, p. e39442, 2024.

SILVA, Paulo Lourenço da et al. O uso das metodologias ativas na educação básica: desafios e possibilidades para uma aprendizagem significativa. **Revista Tópicos**, v. 4, n. 34, p. 1-25, 2026.

ALMEIDA, Rissia Karla da Costa et al. Metodologias ativas: caminhos para uma aprendizagem incluyente na educação básica. **Revista Tópicos**, v. 4, n. 35, p. 1-18, 2026.

DA COSTA LOPES, Roselina Lourenço et al. O uso de metodologias ativas no ensino e na aprendizagem de estudantes com necessidades educacionais especiais na educação básica no Ceará. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 12, n. 5, p. 1-20, 2026.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. São Paulo: Editora vozes, 2023.

FAUSTO, Jozadake Petry et al. Metodologias ativas na educação de jovens e adultos: estratégias para promover aprendizagem significativa. **Revista Tópicos**, v. 4, n. 35, p. 1-34, 2026.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GUEDES, Anna Caroline Machado et al. Metodologias ativas mediadas por tecnologias digitais: perspectivas para a aprendizagem significativa na educação básica. **Revista Tópicos**, v. 4, n. 35, p. 1-24, 2026.

IZEPILOVSKI, Juliana Lemes; GUEDES, Sumaya Ferreira; LEÃO, Marcelo Franco. Metodologias ativas e Cultura Maker na educação: explorando tendências e lacunas. **Cadernos de Educação Tecnologia e Sociedade**, v. 18, n. 4, p. 1663-1673, 2025.

JAPIASSU, Renato Barbosa; RACHED, Chennyfer Dobbins Abi. A gamificação no processo de ensino-aprendizagem: uma revisão integrativa. **Revista Educação em Foco**, v. 12, n. 1, p. 49-60, 2020.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista katálisis**, v. 10, n. spe, p. 37-45, 2007.

LOPES, Renato Matos et al. Características gerais da aprendizagem baseada em problemas. In: LOPES, Renato Matos; SILVA FILHO, Moacelio Veranio; ALVES, Neila Guimarães. **Aprendizagem Baseada em Problemas: fundamentos para a aplicação no ensino médio e na formação de professores (Org.)**. Rio de Janeiro: Publiki, 2019. p. 45-72.

MACAO, Daniela. Práticas pedagógicas inovadoras: a interdisciplinaridade por meio das metodologias ativas na educação básica. **Revista Tópicos**, v. 4, n. 30, p. 1-15, 2026.

MASSON, Terezinha Jocelen et al. Metodologia de ensino: aprendizagem baseada em projetos (PBL). In: **Anais do XL Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia (COBENGE)**, Belém, PA, Brasil, 2012.

MENDONÇA, Leone da Silva et al. Metodologias ativas no ensino básico: uma revisão abrangente sobre impactos na aprendizagem significativa e desafios de implementação. **Revista Multidisciplinar Integrada-REMI**, v. 2, n. 05, p. 1-17, 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 35-76.

MOTA, Janes Carla Lourenço. Metodologias ativas na Educação Básica: influência na aprendizagem significativa. **Revista Multidisciplinar Filos**, v. 1, n. 1, p. 1-17, 2025.

PIMENTEL, Adele Emília Schlukat et al. Aplicações de metodologias ativas no ensino especial para a promoção da autonomia e da inclusão escolar. **Revista de Geopolítica**, v. 16, n. 5, p. e1130-e1130, 2025.

PINTO, Tyson Reis. Metodologias ativas na Educação Básica: construindo saberes com autonomia e protagonismo estudantil. **Ensino em Perspectivas**, v. 6, n. 1, p. 1-12, 2025.

ROMÃO, Maria José Facundo; GOIS, Raquel Araújo Ávila. Liderança pedagógica e metodologias ativas no ensino público: reflexos no protagonismo estudantil e na inovação da prática docente. **Revista Tópicos**, v. 4, n. 34, p. 1-32, 2026.

SOUZA, Jose Henrique Aquino de; RIBEIRO, Marcelo Silva de Souza. Metodologias Ativas e Protagonismo Juvenil no Ensino Médio: As interferências no processo de aprendizagem. **Revista Ciências Humanas**, v. 17, n. 2, 2024.

TEIXEIRA, Elizabeth et al. Revisão integrativa da literatura passo-a-passo & convergências com outros métodos de revisão. **Revista de Enfermagem da UFPI**, v. 2, n. 5, p. 3-7, 2014.

VALENTE, José Armando. Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida. **Educar em revista**, n. spe 4, p. 79-97, 2014.